



Durante 15 dias, os peregrinos de Santa Clara Berkeley, EUA, caminharam de Loyola a Manresa e daí voaram para Roma, onde se encontraram com o P. Sosa, Geral da Companhia de Jesus.

A peregrinação do Caminho Ignaciano é um encontro pessoal e comunitário com Deus através do enquadramento de Inácio de Loyola, o peregrino. Juntei-me a esta aventura juntamente com outros 14 estudantes e professores da Escola Jesuíta de Teologia da Universidade de Santa Clara, campus de Berkeley. Estudámos, lemos e preparámo-nos durante meses antes da nossa caminhada. A nossa preparação física, académica e espiritual levou-nos a mais do que apenas a logística e os fundamentos de como estar pronto para a caminhada, mas levou-nos a uma ligação mais profunda connosco próprios, uns com os outros e com Deus através dos olhos e da experiência de Loyola. Quando me perguntaram se eu recomendaria este Caminho Ignaciano e o que uma pessoa deve esperar dele, acho que já tenho uma resposta.

Não é uma pergunta fácil de responder porque tem muitas dimensões. No entanto, alguns aspectos são fundamentais para a experiência em si.

"A vida cristã é uma peregrinação da terra para o céu, e a nossa tarefa é levar o maior número possível de pessoas connosco enquanto fazemos esta viagem" (Warren W. Wiersbe). Desde o início da nossa preparação, ficou claro que esta viagem cristã não era para ser feita a sós. Devemos vivê-la e não apenas suportá-la ou sobreviver a ela como um grupo e como indivíduos. Estamos a fazê-lo como uma viagem pessoal, mas somos também interdependentes uns dos outros. Esta citação ilustra-o perfeitamente. A chave é, portanto, o facto de "levar o maior número possível" estar aberto à interpretação. Somos convidados a levar connosco cada um dos nossos familiares e amigos, bem como aqueles que nos pediram para rezar. Levamos muitos na nossa oração, mas também no nosso pensamento e no nosso coração. Cada um de nós levou nesta viagem intenções diferentes, dores diferentes, alegrias e tristezas diferentes e levámo-las tanto quanto precisámos de ser levadas. Alguns de nós deixaram-nas no início da viagem. Alguns de nós carregaram-nas até ao fim. Não havia limites ou expectativas, apenas a qualidade e a intencionalidade das nossas acções. O melhor de tudo é que ninguém o está a fazer por si próprio. Estamos todos a fazê-lo, em última análise, porque Deus colocou em nós o desejo de o procurar na viagem, na caminhada, na peregrinação, no sofrimento das nossas longas caminhadas e conversas, bem como na admiração e contemplação da sua criação.

Caminhámos como Inácio. Comemos talvez o mesmo ou semelhante pan con jamón, bem como o café con leche, mas o trabalho único de Deus connosco foi especial e feito à nossa medida. Ele fez por mim o que eu mais precisava. Deus manifestou-se nas obras de arte que vimos, na criação e na beleza de um novo dia; abençoou a nossa conversa matinal diária e, mais importante ainda, curou-nos e tocou-nos quando todos precisávamos, no seu próprio tempo e espaço. A peregrinação abrange não só a caminhada e o companheirismo, mas também a visita e a passagem pelos mesmos lugares por onde Inácio passou; permitimos que estes lugares sagrados falassem connosco. A graça da peregrinação é estar aberto a ser tocado quando menos se espera. Ser capaz de reconhecer Deus quando eu o procuro, mas quando ele vê que eu mais preciso.

Se está a pensar em fazer esta peregrinação, convido-o a deixar a sua agenda para trás. A única coisa que precisas é de um coração aberto e disposto a ser tocado, uma mente confiante e um bom par de sapatos.

Alejandro Báez, S.J., Peregrino de verão 2017

+ ADMG